

A ESCRITA DE MARIA DO CARMO DE MELLO REGO, NO SÉCULO XIX

Yasmin Jamil Nadaf

Buscando preencher a lacuna existente na historiografia literária de Mato Grosso, no que diz respeito à contribuição da mulher à escrita daquela região, vimos desenvolvendo há anos o Projeto “A Escrita da Mulher em Mato Grosso — Imprensa e Literatura — Séculos XIX e XX”, no Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da Universidade Federal de Mato Grosso.

O exercício desse Projeto tem-nos revelado gratas surpresas, entre elas, a oportunidade de sustentar a tese de que a mulher, em Mato Grosso, deixou rastros na história da escrita, no século XIX, e uma fecunda produção, no século XX. Temos trazido a lume autoras e obras até então desconhecidas pela historiografia oficial, fazendo justiça aos seus escritos e ao público leitor que passa a desfrutar de um novo manancial.

Não foi, assim, por mero acaso, que chegamos ao nome de Maria do Carmo de Mello Rego, que nos surgiu quando efetuamos uma leitura do estudo “Dados para a Bibliografia Mattogrossense”, publicado pela Revista do Centro Mattogrossense de Letras, em 1928. Nele consta que Maria do Carmo, nascida na Estancia de Lencho, departamento de Cerro-Largo (Uruguay), possivelmente no ano de 1840, publicou os títulos literários ou científicos Guido (1895); Lembranças de Matto Grosso (1897) e Artefactos Indígenas de Matto Grosso (1899).⁽¹⁾

Com base nessa informação, ainda que sucinta, enveredamos em busca da produção dessa autora, a quem inserimos na historiografia mato-grossense a partir de seus escritos voltados para o interesse dessa região. Percorremos o corredor da memória regional de Mato Grosso — arquivos, bibliotecas públicas e de particulares —, sem obter sucesso algum na localização de

* Yasmin Jamil Nadaf é Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pela UNESP/Campus de Assis; Técnica do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da UFMT; Membro da Academia Matogrossense de Letras e autora do livro Sob o signo de uma flor (Sette Letras, 1993)

sua obra. Daí, saltamos para o que entendemos ser o centro da memória nacional, a cidade do Rio de Janeiro, antiga capital do Império e da República — Biblioteca Nacional, Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Biblioteca da Academia Brasileira de Letras, Biblioteca Pública do Estado, Biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura, Biblioteca do Museu Nacional, etc.

Na Biblioteca Nacional, localizamos o livro Lembranças de Matto Grosso e a Revista Brasileira, de 1895, que publica a primeira versão do texto “Rosa, a Bororó”, também da autora, e que foi posteriormente reeditado nesse livro. Já, no rico acervo do Real Gabinete Português de Leitura, encontramos as obras Guido e Lembranças de Matto Grosso. E, por fim, na Biblioteca do Museu Nacional, tivemos acesso à revista Archivos do Museo Nacional do Rio de Janeiro, de 1899, onde se imprime o artigo “Artefactos Indígenas de Matto Grosso”. Havendo percorrido os demais acervos e vendo que nenhuma outra obra sua foi localizada, presumimos serem estas as únicas que chegaram a ser publicadas.

De posse dessa bibliografia, resultado de anos de busca, tornou-se possível assinalar alguns aspectos da contribuição escrita de Maria do Carmo de Mello Rego, no século XIX. Tal cometimento é tarefa que se segue.

Guido ⁽²⁾, a primeira obra de Maria do Carmo, impressa no Rio de Janeiro, em 1895, é um relato da curta existência de um pequeno índio da tribo dos Bororós, lá chamado de “Piududo” (beija-flor), a quem a autora fizera seu filho adotivo, quando residiu temporariamente em Cuiabá. Maria do Carmo esteve em Mato Grosso nos anos de 1887 a 1889 para acompanhar o esposo, o Coronel Francisco Raphael de Mello Rego, designado para presidir aquela Província, naquele período.

Quando o casal Mello Rego retornou ao Rio de Janeiro, para fixar residência, levou consigo o pequeno selvagem, por eles batizado com o nome de Guido. Na capital do país, ainda menino, é acometido por uma grave doença e morre, deixando nos pais adotivos uma dor profunda. Foi essa dor, segundo confessa a autora, em uma das páginas do livro, que a impulsionou a escrever a história de Guido, no ano do seu falecimento, ocorrido em 1892.

O livro foi impresso em 42 páginas, em formato que reforça uma imagem de singeleza — 18,00 x 11,50 cm. Apresenta-se dividido em três capítulos, escritos em linguagem clara, sentimental e espontânea, cuja nar-

rativa gira em torno de três pontos: a convivência maternal da escritora-narradora com o filho, desde o momento de sua adoção em Mato Grosso até a sua morte na Fazenda de São Paulo, em Mendes; a personalidade “vivaz” e “perspicaz” de Guido, aliada à sua alma “gentil, meiga e afetuosa”; e a tristeza e inconformidade de Maria do Carmo diante da perda desse filho.

Para editar a obra, a autora recebeu um estímulo afetuoso do Visconde de Taunay, a quem ela enviou o relato sobre a história de Guido. Por sinal, coube ao próprio Visconde o curto e amável “Prefácio” do livro, que se inicia com o seguinte comentário: “Para que palavras de recommendação a cousas singelas e pungentes? Como analysar, aliás, e encarecer sentimento tão profundo e tão bellamente expresso no desalinho da dôr?”.

Ainda em seu “Prefácio”, Taunay sugere “aos que tiverem a felicidade de alcançar este precioso livrinho, destinado a bem limitado círculo”, que o leiam com os “olhos d’alma” e o coração aberto “à ternura e a piedade”.

Nas páginas do livro, Maria do Carmo deixa claro que pretendia fazer dessa obra um tributo à memória do filho amado. Confessa que só se viu animada a acatar a sugestão do Visconde de Taunay de tornar pública tal história, porque pretendia “firmar o seu nome (de Guido) de um modo que resista ao tempo” (p. 30); e, que, para reforçar tal intento, presenteou um museu, que ela não especifica qual é, com uma coleção de artefatos de índios que reunira e guardara para o filho, “com a condição de lhe conservarem o nome (de Guido) no lugar onde ella fora colocada” (p. 41-42).

Essa coleção, conforme verificamos, realmente ainda existe e faz parte do acervo do Museu Nacional do Rio de Janeiro, ainda que se encontre, atualmente, desmembrada.

Dois anos após a publicação de Guido, surge a obra Lembranças de Matto Grosso ⁽³⁾ que, a exemplo do primeiro livro da autora, também foi editado no Rio de Janeiro. Nele, Maria do Carmo gravou, em linguagem clara e objetiva, as impressões da viagem que fez do Rio de Janeiro a Mato Grosso, em 1887, e da curta permanência experimentada na capital daquela Província.

É uma obra escrita com maior rigor estético, nela inexistindo os arroubos de caráter sentimental presentes em Guido. O relato inicial registra os acontecimentos que marcaram o percurso da viagem da autora do Rio de Janeiro até Cuiabá, a bordo do vapor inglês “Trent”. Seguidamente são

descritos o espírito festivo do cuiabano, a geografia de Cuiabá — prédios, ruas, condições de higiene pública, etc. —, o comportamento sociável da mulher cuiabana e lendas e fenômenos naturais específicos daquela região.

Dessa obra de Maria do Carmo, chamamos a atenção para os Capítulos “Rio Paraguay — Villa Maria” e “Rosa a Bororó”. No primeiro, a autora registrou, entre outras curiosidades, a sua descoberta de um possível cemitério de índios ao longo do trajeto de uma viagem que fez a S. Luiz de Cáceres. Diz a autora que, ao retornar a Cuiabá, contou o que viu ao Dr. von den Steinen — Chefe da Comissão Alemã Exploradora do Xingu —, mostrando-lhe os vários objetos da cultura indígena que recolheu naquela localidade, conhecida como barranca do “Tucum”. No seu artigo “Artefactos Indígenas de Matto Grosso”, Maria do Carmo transcreve esse mesmo relato e acrescenta a informação de que a sua descoberta foi considerada de tamanha importância pelo Dr. Steinen que ele próprio recomendou ao seu sucessor que se fizessem explorações naquela localidade, oportunidade em que se confirmou a existência do cemitério indígena, anteriormente suposto pela autora.

Já no Capítulo “Rosa a Bororó”, Maria do Carmo relatou a interessante história verídica de Rosa, índia da tribo dos “Bororós Coroados”, e a sua corajosa e eficiente missão de pacificar os índios de sua tribo. Esse texto, de narrativa muito bem elaborada, foi editado primeiramente, conforme citamos, na Revista Brasileira⁽⁴⁾.

Lembranças de Matto Grosso possui 79 páginas, impressas também num pequeno formato de aproximadamente 18,50 x 11,50 cm. O livro foi dedicado ao Visconde de Taunay, prefaciador de Guido, e mostra o conhecimento abrangente e curioso de Maria do Carmo de Mello Rego no que diz respeito aos aspectos históricos, sociais, geográficos, culturais, etc da região de Mato Grosso. Bagagem esta que também pode ser facilmente observada no seu último texto de que se tem notícia — “Artefactos Indígenas de Matto Grosso”⁽⁵⁾ —, que, como foi dito, encontra-se publicado na revista Archivos do Museo Nacional do Rio de Janeiro.

Esse texto, de apenas 10 páginas, é, no essencial, uma descrição dos objetos indígenas que integram a coleção “Guido”, doada por Maria do Carmo ao Museu Nacional. À medida que ela descreve tais artefatos, revela informações sobre a cultura e o comportamento dos índios com os quais teve a oportunidade de contactar, quando residiu em Mato Grosso. Reú-

nem-se na citada coleção objetos das tribos “Paricis”, “Auités”, “Guatós”, “Chamacocos”, “Bororós”, entre outros.

A escrita de Maria do Carmo de Mello Rego, como se constata, traz contribuições para o conhecimento da história e dos costumes de Mato Grosso. Por outro lado, enriquece os estudos que se ocupam da construção da memória da escrita de autoria feminina em nosso país.

-
- (1) “Dados para a Bibliografia Mattogrossense”. In: Revista do Centro Mattogrossense de Letras, Cuiabá, Ano VII, janeiro a junho de 1928, n. XIII, p. 111.
 - (2) REGO, Maria do Carmo de Mello. Guido. Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger, 1895.
 - (3) REGO, Maria do Carmo de Mello. Lembranças de Matto Grosso. Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger, 1897. (A obra foi reproduzida em edição fac-similar pela Fundação “Júlio Campos” — Coleção Memórias Históricas, Várzea Grande - MT, 1993).
 - (4) REGO, Maria do Carmo de Mello. “Rosa, a Bororó”. In: Revista Brasileira. Primeiro Anno. Tomo Segundo. Rio de Janeiro - São Paulo, Laemmert & C — Editores, p. 193-196, 1895.
 - (5) REGO, Maria do Carmo de Mello. “Artefactos Indígenas de Matto Grosso”. In: Archivos do Museo Nacional do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, v. 10, p. 175-184, 1899